

AGOSTINHO DA SILVA

em: Estudos e Obras Literárias

littera: Ancora, 2002

O CADÁVER*

Pedro Costa decidira naquele domingo tão alegre e azul dar um passeio a qualquer parte onde fizesse fresco e se estivesse sossegado e solitário. Idealizou sombras propícias debaixo de árvores que o protegessem do sol que fazia faiscar as vidraças e escaldava os lajédos; mas todos os lugares bucólicos que ele conhecia não respondiam perfeitamente ao seu desejo de se esquivar àquele intolerável calor que trazia o ar como que empoeirado. Não encontrava nas suas reminiscências nada que se assemelhasse àquela frondosa árvore que trazia na imaginação, à relva muito verde, a um ribeiro que corresse, mavioso e fresco. Todos os recantos de campo seus conhecidos lhe pareciam intolentemente desabrigados e nus, com espinhos terríveis no chão quente e desconsoador. Os pinheiros tristes e esguios erguiam-se muito direitos e só lá no cimo uma copazinha miserável os enfeitava como um penacho; nenhuma sombra convidativa se desprendia daquelas linhas tão estreitas e tão secas.

Então, Pedro, vendo desaparecer aquela esperança dessa tarde bem passada, desesperou-se, atirou com o chapéu que foi cair para cima da secretária e fez rolar pelo chão um calendário. Pedro correu logo a apanhá-lo, com cuidado, e, ao endireitar o número do dia, reparou nele e murmurou:

— Dia 10; é curioso; faz hoje anos que morreu o tio Amílcar. Este tio Amílcar era um ricoço, com loja de bacalhau na Rua de S. João. Tivera uma apoplexia e a sua barriga rotunda e respeitável

* O *Comércio*, edição da tarde de O *Comércio do Porto*, ano IV, n.ºs 171, 172, 173, 174 e 175, julho de 1925.

desaparecera bruscamente da loja e lá fora, um dia de chuva molenga e contínua, para o Prado do Repouso, acompanhada por alguns sujeitos graves, de fraque e coco.

Pedro sentara-se numa cadeira de braços e, com os olhos fechados, espapagado pelo calor impiedoso e cada vez mais forte, recordava, sorrindo, aquele tio Amílcar, que no testamento o contemplara com a corrente de ouro muito grossa e feia que usava com uma unha de leão no dependuro.

No fundo não era mau homem, mas bruto como uma porra. E ainda era mistério para Pedro como ele conseguira ganhar tanto dinheiro; e só o caso se aclarava um pouco se se partisse do princípio de que o «ganhar» era linguagem figurada.

Havia, contudo, o dever de ir ao cemitério visitar o jazigo do pobre tio Amílcar que deixara a corrente. Mas o calor! O calor! Talvez fosse sacrifício demasiado ir debaixo daquele sol cáustico levar umas flores ao tio Amílcar. Mas logo Pedro se lembrou de que no cemitério havia avenidas sombreadas e frescas e que o degrau do jazigo poderia muito bem servir de banco para um repouso mais cómodo.

E, como nessa manhã lhe tinham mandado de presente uma cestinha de damascos perfumados e maduros, foi já com a resolução firme de ir ao cemitério que Pedro alojou num embrulhinho de papel pardo uma meia dúzia dos frutos aliciantes.

Almoçou regaladamente antegosando a delícia daquele passeio pelas alamedas bordadas pelas casas dos mortos, com as suas inscrições ingénuas e os vasinhos e as jarras com flores.

Depois saiu, muito devagar, procurando a sombra que os prédios projectavam nos passeios. Raras pessoas se viam pelas ruas: polícias passeavam com ar morno e desalentado, mãos atrás das costas, o tergado a bater lamentavelmente nas pernas; dois elegantes, de chapéu de palha e calça clara, faziam girar as bengalas em alardes de habilidade; um garoto, com voz desfalecida, apregovava jornais; e por toda a parte o calor reinava como senhor único e omnipotente.

Com lentidão, subiu Pedro a Rua de Santo António, detendo-se um pouco diante das montras endomingadas. O sinalheiro da Baralha acolhera-se a um canto de sombra e as suas atitudes inglesadas dissolviam-se sob a acção do sol fortíssimo.

E assim, em passos moles, chegou à porta do cemitério. Uma mulher, acocorada junto dum grande cesto cheio de flores, ofereceu-

-lhe um ramilhete «por dez tostões», não era caro. E ajuntou, convencinte:

— Vá lá, santinho, que vai bem servido!

Pedro comprou as flores e entrou no cemitério. E logo, à vista da grande avenida em que as árvores laterais punham manchas de sombra, Pedro sentiu que o calor se dispersava, abandonava a presa que, até aí, não cessara de transpirar e de bufar.

Tirou o chapéu com delícia, limpou o suor que lhe escorria pela testa. No cemitério não estava ninguém ou, pelo menos, ele ninguém via. Ouvia-se, por vezes, algum leve chilrear de pássaro que logo se calava, como que envergonhado de se ver sem companheiro nos gorjeos. O guarda, metido na casinhola de madeira, dormitava, com o colete desabotoado. E do ar muito calmo vinha uma paz suavíssima e deliciosa.

Pedro já se não lembrava nitidamente do sítio em que ficava o jazigo do tio Amílcar.

Mas, depois de vaguear um pouco pelas avenidas que se entrecruzavam, avistou o mármore branco com as letras doiradas da legenda. Atrou com as flores para cima da pedra e sentou-se à beira do degrau, a abanar-se com o chapéu. Uma fila de formigas atarfacadas atravessava o mármore, internava-se no jazigo.

Do lado de Vila Nova devia haver qualquer festarola; os foguetes estalavam no céu muito límpido e azul, ouviam-se a momentos os acordes estrondosos de uma banda e, em altos postes, tremulavam bandeiras multicores.

Deitou um olhar para o jazigo. O tio Amílcar lá estava numa daquelas estupidas gavetas, tão inútil que nem estruturava plantas. Outras campas, em volta, tinham a cobri-las um largo tapete de flores. E Pedro pensava que sempre era uma alegria para o morto poder reaparecer assim à superfície da terra, transformado em pétalas perfumadas e coloridas. Mas os caixões de chumbo, impedindo avaramente a comunicação com o exterior, assemelhavam-se a prisões sombrias e lúgubres.

Que seria feito daquela barriga proeminente e farta? E da cara nédua em que negrejava uma «mosca» rebarbativa? Tudo, decerto, se sumira numa lama nojenta e viscosa ali apertada entre as quatro paredes do caixão.

E assim também ele, Pedro, se desfaria e se tomaria hediondo...

Então, para sacudir estas ideias que o tornavam melancólico, desembrulhou os damascos, que desprenderam de si um perfume encantador.

Trincou um com delícia, depois outro e outro. O sumo, muito fresco, escorria-lhe pelos cantos da boca, pingava mesmo no chão. Veio-lhe um desejo de ficar ali eternamente a comer damascos, à sombra, sob a música da passarada que agora, já com o sol amainando, tinha recommçado a cantoria, interrompida pelo torpor que, à hora do meio-dia, se desprende das coisas e tudo invade.

Mas imediatamente lhe surgiu diante dos olhos a visão do tio Amílcar estendido no esquire com a enorme barriga a desfazer-se em papa. Levantou-se, furioso, e deu uns passos na avenida; depois, mais calmo, pôs o chapéu, entalou as flores nas grades do jazigo e recommçou o seu lento passeio, demorando-se a olhar aqui uns versos caóticos, além uma fotografia encaixilhada na pedra e coberta por um vidro, na maior parte das vezes rachado, mais adiante a estrutura de um anjo com uma caveira nas mãos.

Havia ali capitalistas; um tinha busto no jazigo, outro estátua inteira, com a mão metida pela sobrecasaca, na attitude clássica de Bonaparte; mas a expressão grave e desconfiada do rosto fazia supor que estava com medo de que lhe roubassem a carteira.

Adiante estava o coval de uma rapariga; a um canto havia uma lápide de mármore com versos:

Já da Parca fatal arrebatada
Ainda, oh! meu Deus!, era tão nova!
Vi-me lançada em fria e escura cova
E pela terra negra sufocada.

Era um soneto elegíaco com cinco versos errados e seis duros como... Bem! Deixemos a imagem! Terminavam com um apelo à pléiade do caminhante:

E tu que vais passando pára um pouco
E reza um padre-nosso pla minha alma!

Pedro não rezou o padre-nosso e passou à frente a admirar outras maravilhas poéticas e em prosa, que também as havia dignas de museu.

E assim, de campa em campa, visitou Pedro todo o cemitério. Algumas pessoas compunham flores em jarrinhas, outras, desocupadas como ele, liam os letreros, examinavam as fotografias e, tirando respetosamente o chapéu, espreitavam para dentro dos jazigos. Um rapazote, hábil em matemáticas, dizia a um grupo de provincianos a idade «com que tinham morrido todos aqueles cadáveres»... Eles tinham às vezes um gesto de compaixão e murmuravam:

— Coitadinho! Tão novinho ainda!

E quando o rapaz lhes anunciou que «aquele além» morrera com oitenta e tantos anos, disseram, graves e como que aprovando a obra da Natureza:

— Sim! Esse já estava «bô»!

Já o sol caía de todo; os passaritos faziam uma enorme chitreada; de Vila Nova continuavam a subir os foguetes e o «tarantán» da filarmónica era agora mais forte e claro. Um barquinho passava no rio com manchas coloridas de vestidos estivais e um comboio entrava na ponte que se recortava negra e elegante no fundo azul do céu e do rio.

Pedro saiu do cemitério e subiu devagar a Rua de S. Victor, desviando-se dos centros de crianças que, seminuas, surgiam de todos os lados como as minhocas em terra revolvida.

Havia-os de todos os feitios e tamanhos: louros, com os cabelos negros. Uns divertiam-se com carros de madeira que faziam um barulho medonho na calçada; mais além, num grupo, jogava-se o pião e, mesmo ao meio da rua, dois pequenos, tranquilamente, faziam uma torre de pedaços de pedra. Os pais vigiavam da porta das tabernas, donde vinha um odor forte de vinho ordinário.

E as portas das ilhas continuavam a vomitar crianças, enfarruscadas, sujas, com beijos onde o ranho pusera sulcos vermelhos.

Por toda a parte pairava um vozear confuso, cortado às vezes por algum grito mais agudo de criança; logo a mãe, de blusa lavada e saia de pregas, acorria a descompor quem tinha feito berrar «o inocente»; o autor da tragédia ripostava em linguagem não menos rica de imagens brutais; e um momento se ouvia a disputa furiosa das criaturas que, de mão na cinta, se meneavam com modos afadistados e profiriam palavrões que tornavam o ar pesado.

Pedro chegou a casa fatigado do passeio. Estendeu-se logo comodamente na cadeira de braços, atirou os pés para cima da secretária e,

nesta posição académica, lendo um livro de versos, passou o tempo até à hora de jantar.

E, depois de ter saboreado a comida melhorada do domingo e dos dias de grande gala, novamente se estirou na cadeira e recommçou a leitura das poesias. Mas o corpo fatigado pedia-lhe cama; retinha-o, contudo, o receio de que lhe fizesse mal ir-se deitar logo depois de comer. Por fim sempre se resolveu. E foi com profundo deleite que se estendeu entre os lençóis de linho muito fresco.

Adormeceu quase logo. Mas daí a menos de cinco minutos já estava acordado, não nítida e claramente acordado, mas num torpor que o não deixava distinguir bem as formas dos objectos.

Em cima da secretária ardia uma lanterna. Não se lembrava de a ter posto ali nem tinha lanternas no quarto.

Quis-se levantar para ver o que era; mas a lanterna desapareceu subitamente, sem que alguém lhe tocasse, e rebrilhou mais adiante, sobre uns telhados que se viam pela janela do quarto. Pedro sentiu cobrir-lhe a pele um suor regelante, enquanto um grande terror o pregava à cama. Venceu-o, levantou-se e começou à procura do fato, para se vestir. As calças, porém, não apareciam em cima da cadeira onde ele as deixara com toda a certeza. Rebuscou pelo quarto todo e, finalmente, foi-as encontrar debaixo da cama; mas, ao contemplá-las mais demoradamente, viu, com espanto, que tinham mudado de cor; acendeu um fósforo; a chama vacillou um momento e logo se extinguiu, deixando mais negra a treva que o rodeava.

Enfiou as calças e lançou pelos ombros um casaco; todo o corpo lhe tremia de frio e de medo. A lanterna reaparecera agora sobre a secretária; Pedro agarrou na bota que ia para calçar e atirou-a na direcção da luz; mas a bota não avançou, ficou parada no ar, depois caiu pesadamente no soalho.

Pedro, espantado com todos aqueles prodígios, lembrou-se das almas do outro mundo, da barriga do tio Amílcar; e um terror tão grande o invadiu que, com um pé ainda descalço, abriu rapidamente a porta do quarto e se precipitou pela escada abaixo.

Vinha com tanta velocidade que se foi esbarrar com a porta da rua, pesadamente chapeada de ferro. Sentiu uma dor aguda na cabeça e desmaiou, com um grande grito.

Voltou depressa a si e ouviu no andar de cima passos agitados; quis gritar outra vez, porque sentia correr-lhe da cabeça um líquido pegajoso e quente.

Mas não podia falar nem abrir os olhos para ver o que se passava e, quando tentou levantar-se, os músculos não lhe obedeceram e continuou prostrado no lajedo.

Desciam as escadas das pessoas e uma disse para a outra:

— Lá ouvir gritos, ouvi, com certeza.

— Se calhar, foi sonho.

— Qual sonho! Ouvi!

Traziam luz, porque Pedro ouviu recomendar:

— Põe lá a mão diante da vela senão apaga-se.

Deram mais uns passos até que um dos que desciam gritou:

— Cá está! Olha... é o Costal! Chega a luz que ele não está bom!

Percebeu que o soerguiam com cuidado e lhe encostavam o ouvido ao coração. E, apesar de Pedro o sentir bater muito forte e claro, o homem que o segurava e em quem reconhecera o Miranda do primeiro andar berrou para o que o acompanhava:

— Não lhe sinto o coração!

O outro agarrou-lhe logo no pulso e Pedro notou que a mão lhe tremia.

— Nem o pulso! Quer ver que ele está morto? Que canudo!

Pedro, num esforço violento, conseguira abrir um olho; viu o Miranda, em ceroulas, a tremar como varas verdes; ao lado, o filho segurava um castiçal.

O Miranda gritou:

— Vai lá acima chamar o Seixas.

— O doutor?

— Sim, o doutor. Pois quem havia de ser?

Então, ante o pasmo de Pedro, que continuava imóvel, o rapazote atirou com o castiçal, que o pai, num movimento brusco, aparou na ponta do nariz. Apesar do trágico da situação, Pedro sentiu uma vontade doida de rir; mas a boca, muito rígida, não fez um movimento.

Um vulto branco descia a escada, aos pulinhos, sem pousar os pés nos degraus; e, atrás, o filho do Miranda trazia na mão a lanterna que nos degraus; e, depois, o filho do Miranda, como um pirilampo.

Pedro vira na secretária e depois nos telhados, começou a tirar da boca uma lanceta enorme; limpou-a com cuidado à fralda da camisa de dormir

e, com um golpe certeiro, cortou a meio a vela que o pai Miranda conservava equilibrada no nariz.

E, voltando-se para Pedro, olhou-o um momento, com atenção; e logo, encarando o Miranda, disse de leve:

— Está morto e bem morto; não há nada a fazer.

Pedro indignou-se; morto e bem morto, ele, que estava vendo nitidamente toda aquela fantástica cena? Quis falar, gritar que não estava morto; mas a língua nem sequer buliu, os lábios conservaram-se imóveis e cerrados. Apetecia-lhe dar um pontapé no doutor Seixas; e, mirando-lhe gulosamente as canelas esburgadas, reuniu todas as suas forças para lhe assentar em cheio a única bota que tinha calçada; mas a perna recusou-se a obedecer, apesar das tentativas desesperadas do pobre Pedro.

E o doutor, murmurando outra vez que nada havia a fazer, recolheu a prodigiosa lanceta e começou a subir as escadas. Em breve a sua camisa alvejante desapareceu na sombra.

Pedro sentiu que o levantavam, o levavam pela escada acima, em charola. A lanterna ia à frente por seu próprio pé, iluminando o caminho. Nem o Miranda, nem o filho, pareciam admirados com aquela estranha luz. Chegaram à porta do quarto, que se abriu de per si, e atiraram com o corpo para cima da cama.

Despontava a manhã muito baça e triste, a anunciar chuvada forte. O Miranda e o rapaz tinham subido pela janela, num pulo largo, para cima dos telhados.

Uma grande prostração invadia o corpo de Pedro, que a pouco e pouco se regelava e inteiriçava. Só o coração parecia a única coisa viva; como uma boa máquina folgada dava as suas pancadas muito certas e a intervalos regulares.

O sangue continuava a correr da cabeça e inundava já todo o quarto. O doutor Seixas, que entrava nesse momento, de fraque e botas de verniz, descalçou-se rapidamente, puxou as meias e, curvado para o soalho, pôs-se a enxugar com elas as tâbuas cheias de sangue. Depois, aos saltitos umas vezes, outras esvoaçando lentamente pelo quarto, ia espremer as meias à janela.

Quase sem Pedro dar pela mudança appareceu em lugar do doutor um homem com um caixão de chumbo às costas e uma urnazinha discreta debaixo do braço.

O Miranda reaparecera em cena e ajudava o homem — que Pedro percebeu ser o cangalheiro, apesar de, à primeira vista, lhe parecer o primo Luís que mandara os damascos —, ajudava, pois, o homem a esticar o caixãozito até que atingiu o comprimento do corpo de Pedro.

Viu este imediatamente que o iam enterrar, mas não sentia medo nenhum e tinha mesmo desejos de correr essa aventura.

O cangalheiro agarrou Pedro, meteu-o dentro do caixão e ajeitou-lhe a cabeça na almofada. O Miranda tirou do cesto uns damascos e espalhou-os gravemente por cima do corpo de Pedro, com a mesma seriedade com que disporia flores raras.

O doutor Seixas entrou pela janela num dos seus estranhos voos e foi pousar em cima da secretária. Agarrou no tinteiro e, sem mexer os braços, atirou-o ao Miranda; acertou-lhe num olho, que saltou da órbita, rolou molemente no chão coberto de sangue. O Miranda soltou um berro felino e desapareceu pela janela, enquanto o doutor, saltando da secretária, se lançava sobre o pobre globo ocular e o metia no bolso do colete.

Subitamente, Pedro deixou de ver, uma grande escuridão se fez em volta dele. Percebeu que tinham fechado a tampa do caixão e que estavam a soldar o chumbo, porque ouviu o bufar ardente dos machados. Sentiu fome e tentou apanhar um dos damascos que tinha perto da boca. Mas a immobildade continuava, mais imperiosa ainda porque nem conseguira abrir o outro olho.

Houve depois um pequeno movimento de balanço, os passos acautelados de quem desce uma escada debaixo dum grande peso. Mas que ideia fora aquela de, ainda em casa, o meterem dentro de caixão de chumbo?

Ouviu uma voz esganificada que dizia:

— Cotadinho! Ainda ontem tão bom e já hoje...

Um soluço afogou a frase de quem assim o lamentava; e logo uma fala mais grave se ergueu:

— Então, minha senhora! É um momento que todos temos de passar. E quem lançava esta consolação bruscamente a terminou com um cantar de galo muito repenicado.

Uma longa meia hora se passou; só os saltos do carro fúnebre nas pedras da calçada o despertavam, a espaços, da sonolência em que ia mergulhado.

De repente pararam; através das paredes do caixão Pedro ouviu a voz duma mulherita que apregovava flores; era, decerto, a mesma a quem ele, no dia anterior, comprara o ramilhete para levar ao tio Amílcar. O tio Amílcar! Lá ia agora para junto dele e ambos ficariam metidos naquele jazigo tão frio e ermo. Para quem passaria agora a corrente do tio Amílcar? Talvez o doutor Seixas se apoderasse dela ou o Miranda já àquela hora a tivesse sonegado...

Levavam-no agora à mão. Mas não se ouviam passos na terra batida da alameda. Houve um raspar de grades que se abrem, o choque duma pedra. E Pedro sentiu que o depositavam numa prateleira e o empurravam para o lado da parede.

Novamente ringiram gonzos e novamente uma pedra, caindo sobre outra, produziu um som baço e apagado.

Bonito! Ali estava ele metido entre dois caixões e ainda dentro duma gaveta fechada de todos os lados por bom e rijo mármore. Mas não se ralava muito com a sua sorte e não se assustou quando sentiu que, da prateleira de baixo, batiam pancadinhas com os nós dos dedos.

— Deve ser o tio Amílcar — pensou Pedro. Mas não lhe podia responder porque a língua continuava emperada.

Ouviu-se um ranger de ossos e outra vez as pancadas soaram, agora mais claras e espaçadas. Depois uma voz surdiu da treva:

— És tu, Pedrinho? Anda, patifório! Estás metido em boa.

Era a hedionda fala do tio Amílcar; seguiu-se um risinho de escárnio.

— Então o menino cuidava que o jazigo servia só para vir comer damascos em cima do degrau? Não, amiguinho, não. Também serve para meter cá a carcacinha, sobrinho e amigo.

Houve outra casquinada trocista.

Pedro, furioso com aquela zombaria, esforçava-se por falar. Tinha um desejo louco de mandar o tio a certo sítio. Mas o diabo da língua não havia maneira de se pôr a funcionar.

O tio Amílcar calara-se e os seus ossos remexeram-se com som lúgubre.

Pedro sentiu que todo o corpo se lhe ia derretendo numa banha cheia de viscosidade. Uma baba nojenta saía-lhe da boca e do nariz escorria também uma espuma pegajosa.

O coração continuava a palpitar no peito que Pedro sentia desfazer-se a pouco e pouco. E no pé direito já quase destruído um calo doía-lhe furiosamente.

A vizinha escarnecedora tornou de baixo:

— Sim, senhor; boa partida! E que é feito da correntezinha que eu lhe deixei, seu pândego? E que tal lhe souberam os damascozinhos, canalha vil!

Era de mais, Pedro já não podia resistir e, se se não mexesse, rebentava, com toda a certeza. Fez um movimento desesperado em que pôs toda a sua energia. Ao mesmo tempo uma campainha começou a retinir furiosamente. E parece que despertou pelo som fino e vibrante, o corpo cedeu à vontade de Pedro e um tremendo pontapé atrombou os dois caixões.

Da outra gaveta saiu um grito de horror do tio Amílcar. Pedro sentiu que o caixão se voltava, se despenhava em cima do tio Amílcar, que soltou outro berro; depois foi uma queda doida por um poço muito estreito, uma queda vertiginosa que sacudia as entranhas.

Houve um choque violento e brusco.

E, sob o retinir constante do despertador, Pedro acordou, encharcado em suor, com a cama toda desfeita. Que famoso pesadelo! Era no que davam aqueles sonos logo depois de comer...